

## Breve nota sobre a Cultura Portuguesa no Brasil

*LEODEGÁRIO A. DE AZEVEDO FILHO*

Na América do Sul, apenas no Brasil foi implantada a civilização portuguesa, em território verdadeiramente continental de oito milhões e meio de quilômetros quadrados e que hoje dispõe de cento e trinta milhões de habitantes. Ao redor do Brasil, a América Espanhola fragmentou-se em numerosas nações, ao contrário da unidade territorial brasileira. Isso é de extrema importância para a civilização lusitana no mundo e para a consideração da língua portuguesa como língua de cultura. E não se pode, por isso mesmo, deixar que o Atlântico seja um obstáculo intransponível nas relações culturais entre os dois povos irmãos.

Nesse sentido de união das duas culturas, união assegurada pela língua comum, o Real Gabinete Português de Leitura, que ora comemora o seu sesquicentenário, vem desempenhando um papel fundamental. Não que nos demais Estados do Brasil esteja esquecida a cultura portuguesa de nossos dias, pois não está, graças à existência de outras instituições que a mantêm viva. Mas a atuação do Real Gabinete Português de Leitura, ao longo de 150 anos, no Rio de Janeiro, que é o centro de maior cultura no Brasil, é digna de todos os louvores. A sua magnífica Biblioteca, aberta à consulta do público interessado, presta relevantes serviços à própria cultura universitária, pois a ela recorrem professores e estudantes de Letras, diariamente. Além disso, o Real Gabinete Português de Leitura, ao longo de cada ano de sua gloriosa existência, vem organizando numerosos cursos que se transformam em centros irradiadores de conhecimento, com público cada vez maior. E bastariam esses dois aspectos, a Biblioteca e os Cursos, para assegurar ao Real Gabinete Português de Leitura o relevante papel de instituição modelar, no que se refere às relações culturais entre Portugal e Brasil.

Mas as suas atividades não param aí. A publicação de livros importantíssimos, muitas vezes resultantes de vários anos de pesquisa erudita, tem corrido não apenas para difundir a cultura portuguesa no Brasil, mas sobretudo para promover o conhecimento dessa cultura em nível universitário. Por outro lado, as comemorações de datas magnas, sempre com a presença de conferencistas especializados, além da recepção aos intelectuais portugueses que por aqui passam, são dados de alto valor cultural, que não podem ser minimizados. Não me refiro apenas à recepção de autoridades políticas, que se reveste de cunho oficial, mas especificamente à recepção de escritores portugueses, que vêm dialogar conosco sobre as mais diversificadas questões literárias e científicas. E também me refiro às exposições culturais organizadas pela nobre instituição, que tem sempre as suas portas abertas a todos os que se interessam pela língua de Camões e pelos valores espirituais que ela encerra.

A revista *Convergência Lusíada*, com tão expressivo título, por seu turno, sempre abriu espaço para a discussão de problemas que tanto interessam à literatura de Portugal, como interessam à literatura do Brasil. Em suas páginas, portugueses e brasileiros expõem teorias e pontos de vista, debatem questões estéticas e garantem o diálogo cultural entre os dois povos. E isso mesmo deve ser ressaltado neste número especial da *Revista*, cuja publicação não pode ser interrompida, sem grave prejuízo intelectual para os dois povos.

Mas não é nosso propósito analisar aqui tudo o que o Real Gabinete Português de Leitura tem realizado, num século e meio de existência, em defesa da língua comum e das relações culturais entre a Europa Portuguesa e a América Portuguesa. Queremos apenas dar o nosso testemunho de gratidão pelo que temos recebido da nobre entidade, que sempre apoiou todas as iniciativas que, na condição de professor universitário de literatura portuguesa, vimos desenvolvendo ao longo dos anos. Em nenhum momento, encontramos as suas portas fechadas a qualquer projeto nosso, assim como jamais deixamos de atender às solicitações culturais que nos têm sido feitas. E os benefícios daí decorrentes, sobretudo para os alunos de nossas Faculdades de Letras, são públicos e notórios.

Há uma questão, entretanto, que o Real Gabinete Português de Leitura não pode deixar de lado. Essa questão se relaciona com a unificação ortográfica entre Portugal, Brasil e Nações Africanas de língua comum. Bem certo é que o Acordo, recentemente assinado e discutido em seu conjunto e em suas particularidades, se ainda não está bom, pode perfeitamente ser revisto e aperfeiçoado. O que não se entende é que haja dupla ortografia, com os prejuízos daí decorrentes. No caso, será imprescindível ceder em questões menores, tanto em Portugal como no Brasil, para que se possa atingir esse ideal aparentemente simples, que é escrever com base num sistema ortográfico único, mesmo que esse sistema não seja perfeito. Afinal, ortografia é mera convenção,

estando acima dela a unidade superior da língua. Uma unidade centrada no uso das mesmas formas lingüísticas, pois a língua não muda, se as formas lingüísticas permanecem as mesmas.

Nem se pense, por outro lado, que o Português do Brasil se tenha afastado desastrosamente do Português de Portugal. Claro está que, a partir da norma culta comum, que se constituiu historicamente no século XVI, tanto a norma portuguesa como a norma brasileira apresentam naturais e compreensíveis diferenciações. Mas tais diferenças não atingem o sistema lingüístico em sua indiscutível unidade. Aliás, em muitos casos, a língua falada e escrita no Brasil está muito mais próxima da tradição clássica do que a língua falada e escrita em Portugal dos nossos dias. E isso se pode ver, por exemplo, no vocabulário dos cantadores do Nordeste brasileiro, muitas vezes analfabetos, mas que ainda hoje usam expressões que se encontram nos *Sermões*, de Vieira, e que caíram em desuso nos grandes centros de cultura brasileira e portuguesa. Veja-se o seguinte exemplo:

Vou fazer-lhe outra pergunta  
e você fica *areado*

Ora, a palavra *areado*, usada por Vieira em seus *Sermões*, é hoje um arcaísmo, tanto em Portugal como no Brasil dos grandes centros urbanos, mas permanece viva na boca dos cantadores do Nordeste brasileiro, com o sentido de “confuso” ou “perturbado”. Nesse particular, bastaria estudar o vocabulário da canção popular brasileira, para ver-se que ela se mantém muito mais fiel à tradição clássica da língua do que o idioma culto dos nossos escritores, pelo menos em questões de vocabulário.

Afinal de contas, nenhuma língua permanece imutável num amplo território em que é falada. Tanto em Portugal como no Brasil a norma culta evoluiu, mas dentro do sistema comum, embora de formas às vezes diversificadas. Mas o que se defende e o que efetivamente se tem é uma unidade dentro da diversidade, não sendo lícito a ninguém dizer que, no Brasil, se fala uma língua que já não é portuguesa. A língua, como sistema comum de expressão, não mudou. E língua, enquanto sistema, nada tem a ver com diferenças de estilo ou mesmo com diferenças temáticas que, normalmente, existem entre as duas literaturas, a que se escreve no Brasil e a que se escreve em Portugal.

Em suma, o vasto mundo de língua portuguesa é hoje constituído de sete nações soberanas e independentes, nele incluindo-se, além de Portugal e do Brasil, as cinco nações africanas de língua comum. E defender essa unidade lingüística é dever de todos nós.